

A (RE)CONSTRUÇÃO DO SER MASCULINO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO NO APLICATIVO GRINDER EM JUAZEIRO-BA EM 2023

THE (RE)CONSTRUCTION OF THE MASCULINE BEING: AN ANALYSIS OF THE CONTENT ON THE GRINDER APP IN JUAZEIRO-BA IN 2023

Joel Bastos Alves 1

Céres Marisa Silva dos Santos 2

Lívia da Costa Regis 3

Resumo: Nesse artigo analisamos as (re)construções de masculinidades nos conteúdos de perfis do aplicativo Grinder, direcionado para relacionamentos na comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, outras identidades de gênero), em Juazeiro-Ba. Nesse sentido, fizemos 37 capturas de telas (prints) de perfis do aplicativo nos dias 1º e 2 de junho de 2023. Desse total analisamos oito. Essa pesquisa é de caráter quanti-qualitativa, e recorre a Análise do Conteúdo e tem como base teórica Bardin (2011), Butler (2003), Connell & Messerschmidt (2018) e Illouz (2011). Ao analisarmos o material levantado, constatamos a construção de um modelo de poder que se performa em um padrão de masculinidade associado à ao modelo reproduzido em nossa sociedade. Assim, o discurso patriarcal se mantém e se relaciona em prol de um dispositivo que ordena exclusões as performances de feminilidade, e a tudo que a ela é ligado.

Palavras-chave: Discurso. Identidades. Masculinidades. Performances.

Abstract: In this article we analyze the (re)constructions of masculinities in the profile content of the Grinder application, aimed at relationships in the LGBTQIA+ community (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex, Asexual, other gender identities), in Juazeiro-Ba. In this sense, we took 37 screenshots (prints) of application profiles on June 1st and 2nd, 2023. Of this total, we analyzed eight. This research is quantitative and qualitative in nature, and uses Content Analysis and is theoretically based on Bardin (2011), Butler (2003), Connell & Messerschmidt (2018) and Illouz (2011). When we analyze the material collected, we see the construction of a model of power that is performed in a standard of masculinity associated with the model reproduced in our society. Thus, the patriarchal discourse is maintained and related in favor of a device that orders exclusions of performances of femininity, and everything linked to it.

Keywords: Speech. Identities. Masculinities. Performances.

1 Professor de História da rede municipal de Petrolina - PE, mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2701668376997223>. E-mail: joelbastos19@hotmail.com

2 Profa. Dra. Céres Santos, Jornalista e docente no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. Ativista do Movimento Negro e de Mulheres Negras brasileiras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2011677018497766>. E-mail: ceresantos3@gmail.com

3 Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Juazeiro - BA, aluna especial do mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5513879103919618>. E-mail: livorina30@gmail.com

Introdução

“Se a masculinidade de um homem não fosse algo mais frágil que um papel sulfite, eu certamente teria pedido, até mesmo implorado, para que ela me desse alguns minutos de sossego” (Autor desconhecido).

A epígrafe acima faz uma referência a um pensamento construído em nossa sociedade de que a fragilidade e o sentimentalismo são descrições que aludem a traços ditos femininos e que necessitam ser empregados somente por mulheres. De outro modo, o homem **é relacionado** a traços de força, racionalidade, poder e dominação. Embora tenha avançado o debate sobre masculinidades, no sentido de se desconstruir alguns discursos que reforçam, potencializam as desigualdades de gênero e sexualidades nas últimas décadas, as práticas e discursos de opressão às identidades sexuais ainda estão presentes, demonstrando marcas da sociedade patriarcal.

Durante as aulas do Mestrado¹ como aluno especial na UPE (Universidade do estado de Pernambuco) tive a oportunidade de cursar a disciplina “Gênero e Sexualidades”, tendo como professora, Janaina Guimarães da Fonseca e Silva². A mesma solicitou que eu fizesse um trabalho sobre as construções e reproduções das masculinidades em nossa sociedade. Com o passar do tempo, mais precisamente no primeiro semestre de 2023.1, na condição de aluno regular do mestrado³ na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, tive a oportunidade de cursar a disciplina de “Gênero, Sexualidade, Trabalho e Etnias na Educação”, onde fora pedido para que fizéssemos um artigo com base nos referenciais teóricos que foram utilizados durante as aulas desta disciplina. Nesse sentido, eu juntamente com uma colega de curso, decidimos falar sobre tal temática. Com isso, surgiu a problemática desse estudo, que teve como intuito, analisar se há e de que forma ocorrem as (re)construções de masculinidades nos conteúdos de perfis do aplicativo Grinder.

Historicamente, as construções e estereótipos concernentes ao gênero foram e ainda são frutos da sociedade patriarcal e, de modo que, ainda contribuem para a legitimação das desigualdades sociais, das relações de poder, da discriminação e entraves dos homens que destoam de pensamentos, comportamentos hegemônicos, como por exemplo: negros(as); candomblecistas; LGBTQUIPN+; indígenas, dentre outros.

A masculinidade sendo abrangida como uma das categorias gênero, enquanto lugar característico que assinala atitudes, comportamentos, sentimentos, ações a serem constituídas como modelo hegemônico atribuído socialmente e culturalmente para referência e afirmação da expectativa gerada de homem na sociedade. A conformação sobre a estrutura da família patriarcal, foi e ainda é caracterizada pela superioridade masculina culturalmente em relação à mulher. Embora muitas mudanças de pensamento ocorreram, por vezes, ainda predomina a ideia de que o verdadeiro homem é aquele viril, o que detém a força e racionalidade. De outro lado, a mulher ainda é vista como um ser sensível, passiva e reprodutora.

Diante das (re)construções de modelos do homem branco, heterossexual, cis, católico, além dos papéis sociais atribuídos em nossa sociedade ocidental, fruto do patriarcado, quando se fala em cuidado, relaciona-se “naturalmente” a imagem da mulher, apontada no pensamento de nossa sociedade toda a responsabilidade, diante do argumento dos “atributos femininos” significarem

¹ O curso Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), nível Mestrado, modalidade Profissional, foi aprovado em dezembro de 2014.

² Janaina Guimarães da Fonseca e Silva tem pós-doutorado pela Universidade da Paraíba, sendo doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2012), onde também fez mestrado (2007) e graduação (2004). É professora adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Mata Norte e membro permanente do PROFHISTÓRIA da UPE e do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE, na Linha de ensino de História. A pesquisadora possui experiência na área de Ensino e Pesquisa em História e Educação, atuando principalmente nos seguintes eixos: Políticas públicas educacionais para a população LGBT, Ensino de História e Relações de Gênero, estudos interdisciplinares para uma Educação Antirracista, Mulheres Negras e estudos sobre a Colonização da Capitania de Pernambuco.

³ Departamento de Ciências Humanas – DCH-III Programa de Pós-graduação Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA teve a oportunidade de estudar a disciplina Gênero, Sexualidade, Trabalho e Etnias na Educação.

sobretudo, apropriados para tais afazeres.

As diversas atividades que envolvem o cuidar são aludidas ao “universo feminino”, em virtude do processo de socialização promovidos através da educação familiar e escolar, onde estas instituições enfatizam e determinam, que o cuidado permaneça continuamente nos costumes das meninas através de exigências, além disso, ocorra os estímulos para a manutenção desses (re) construções. Em oposição aos “atributos femininos”, aos meninos, são incitados a contenção de seus sentimentos e afetos, demonstrar preocupação em ser o provedor da casa, etc. Essa naturalização de papéis sociais que trazem as representações do que é ser feminino e masculino, onde estes reproduzem a ordem pela qual encontram-se postos, potencializam mais ainda a desigualdade e hierarquia das relações de gênero.

Perante o exposto, observamos como estas (re)produções do ser masculino persistem na contemporaneidade corroborando para a propagação de diversos estereótipos advindos de uma masculinidade criada historicamente pela sociedade patriarcal, fortalecendo os pensamentos e comportamentos que um “macho de verdade” desse assumir. A masculinidade e a feminilidade são socialmente construídas, logo, estão ligadas à educação, aos valores e costumes perpassados durante o processo de socialização, enquanto espaços que guiam a construção de identidade em diversos segmentos sociais.

A partir dessa problemática, o presente estudo objetiva analisar as (re)construções de masculinidades nos conteúdos de perfis do aplicativo Grindr, direcionado para relacionamentos na comunidade LGBTQIA+. Assim, o estudo se dará, a priori, com alguns conceitos fundamentais para analisar os conteúdos e o que está por detrás deles. Em seguida, demonstramos os métodos utilizados na pesquisa. Finalmente, apresentamos os resultados da análise dos conteúdos, demonstrando os tipos e intenções dos perfis selecionados no aplicativo Grindr.

Metodologia

A pesquisa está organizada metodologicamente como uma pesquisa quali-quantitativa utilizando como abordagem a Análise de Conteúdo que, visa analisar a (re)construção de discursos das masculinidades nos perfis selecionados no aplicativo Grindr. A escolha do aplicativo Grindr se deu devido a ser um programa direcionado à comunidade LGBTQIA+, sendo o aplicativo com mais usuários em todo o mundo. A plataforma utiliza a geolocalização, para aproximar as pessoas no intuito de estabelecer a comunicação, bem como configura-se como um aplicativo que além da diversão agrega a comunidade LGBTQ+, por meio da expansão à outras plataformas a exemplo do Facebook e Instagram.

Os dados extraídos foram retirados da página principal de apresentação do usuário no Grindr, não sendo realizada nenhuma forma de interação através do bate papo. Dessa forma, executamos a coleta total de 37 capturas de telas (prints) de perfis do aplicativo, e selecionamos oito perfis de usuários(as) da cidade de Juazeiro-Ba nos dias 1º e 2 de junho de 2023. Fizemos a categorização dos perfis a partir de dois critérios durante a coleta de dados dos perfis. O primeiro foi a partir dos discursos de masculinidades e o outro, a faixa etária.

No primeiro critério, o que chamava a atenção nos perfis que selecionamos eram as descrições que apresentavam desejos por determinados papéis sexuais e de corpo, já no segundo critério, procuramos identificar quais eram as faixas etárias dos(as) usuários(as), para compreender se elas poderiam apontar diferenças em suas prioridades, expectativas e comportamentos.

Segundo (Mannheim,1928), as gerações⁴ [...] “estão ligados a uma posição comum na

4 Cada época é marcada por acontecimentos culturais, políticos, sociais e econômicos que impactam o contexto de vida, a visão de mundo e a forma de se relacionar das pessoas que nascem e vivem em determinado período. Geração Z- Consome informação principalmente via smartphones. Essas pessoas têm preferência por conteúdos em vídeo (curtos), fotos e jogos. Elas aprendem de diferentes e variadas maneiras, pois são multifocais e convergem em diferentes plataformas. Uma diferença dessa geração para as anteriores é que ela apresenta raciocínio não-linear. Geração AlfaA- Exposição à tecnologia e a telas é ainda mais forte nessa geração. Com muitos estímulos e acostumados a usar meios digitais para se entreter e buscar informações, requerem uma educação mais dinâmica, ativa, multiplataforma e personalizada. Têm como características a flexibilidade, a autonomia e um potencial maior para inovar e buscar soluções para problemas de forma colaborativa. Gostam de ser protagonistas, colocar a mão na massa e aprender com situações concretas. Baby Boomers- Focam na aprendizagem com início, meio e fim,

dimensão histórica do processo social, um certo modo característico de pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante” [...]. Ou seja, para o autor, cada faixa etária tem algumas características específicas e modos de pensar, agir, aprender, de comportamento em diferentes ambientes para os indivíduos que pertencem à mesma geração. Não há consenso, mas a maioria das referências sobre o tema, apresenta a seguinte classificação:

Tabela 1. Gerações dos perfis analisados e suas faixas etárias

Perfis analisados	Faixas etárias e gerações
18 anos	Geração Z (2002)
24 anos	Geração Z (1999)
28 anos	Geração Z (1993)
38 anos	Geração Y ou <u>Millenniaus</u> (1984)
40 anos	Geração Y (1983)

Fonte: Os autores (2024).

Metodologia

A pesquisa está organizada metodologicamente como uma pesquisa quali-quantitativa utilizando como abordagem a Análise de Conteúdo que, visa analisar a (re)construção de discursos das masculinidades nos perfis selecionados no aplicativo Grindr. A escolha do aplicativo Grindr se deu devido a ser um programa direcionado à comunidade LGBTQIA+, sendo o aplicativo com mais usuários em todo o mundo. A plataforma utiliza a geolocalização, para aproximar as pessoas no intuito de estabelecer a comunicação, bem como configura-se como um aplicativo que além da diversão agrega a comunidade LGBTQ+, por meio da expansão à outras plataformas a exemplo do Facebook e Instagram.

Os dados extraídos foram retirados da página principal de apresentação do usuário no Grindr, não sendo realizada nenhuma forma de interação através do bate papo. Dessa forma, executamos a coleta total de 37 capturas de telas (prints) de perfis do aplicativo, e selecionamos oito perfis de usuários(as) da cidade de Juazeiro-Ba nos dias 1º e 2 de junho de 2023. Fizemos a categorização dos perfis a partir de dois critérios durante a coleta de dados dos perfis. O primeiro foi a partir dos discursos de masculinidades e o outro, a faixa etária.

No primeiro critério, o que chamava a atenção nos perfis que selecionamos eram as descrições que apresentavam desejos por determinados papéis sexuais e de corpo, já no segundo critério, procuramos identificar quais eram as faixas etárias dos(as) usuários(as), para compreender se elas poderiam apontar diferenças em suas prioridades, expectativas e comportamentos.

Segundo (Mannheim,1928), as gerações[...] “estão ligados a uma posição comum na dimensão histórica do processo social, um certo modo característico de pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante” [...]. Ou seja, para o autor, cada faixa etária tem algumas características específicas e modos de pensar, agir, aprender, de comportamento em diferentes ambientes para os indivíduos que pertencem à mesma geração. Não há consenso, mas a maioria das referências sobre o tema, apresenta a seguinte classificação: Observando a tabela acima, podemos perceber que diante dos perfis analisados na pesquisa, no aplicativo Grindr existe uma diversidade de faixas etárias distintas que o utilizam abarcando usuários de diferentes gerações.

Utilizamos como abordagem, a Análise do Conteúdo pois, objetivamos analisar os

como se fosse a leitura de um livro. Por essa razão, preferem ler e seguir programas de ensino tradicionais. Tiveram contato tardio com a internet, geralmente estabelecem uma relação de descoberta com as novas tecnologias. Geração X- Essas são pessoas que se adaptam rapidamente às tecnologias. Os integrantes da Geração X usam recursos tecnológicos, mas prezam o consumo de informação de forma híbrida – tanto online quanto offline. Geração Y ou Millennials- Estão acostumados com o grande fluxo de informações. Além disso, eles consomem informações com facilidade e rapidez. São pessoas que gostam de aprender informalmente e possuem raciocínio linear. Como muitas pessoas dessa geração já cresceram jogando videogames, a utilização de games e estratégias gamificadas são formas de aprendizagem que dão certo com elas.

conteúdos de perfis selecionados no aplicativo Grindr. (Bardin, 2011), defende que o termo análise de conteúdo assinala:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2011).

Assim, a autora entende a análise do conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos, em permanente aprimoramento, que tem a finalidade de analisar diversos tipos de conteúdo, sejam eles verbais ou não-verbais, por intermédio de uma organização de métodos aplicados numa determinada análise de dados.

[...] “análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos” [...] (Bardin, 2021).

Para a análise do Conteúdo, seguiremos as técnicas mencionadas acima por Bardin, analisando os conteúdos descritos nos perfis selecionados no aplicativo Grindr, a partir dos escritos e ao final, interpreta-los. Vejamos a seguir:

Desenvolvimento, resultados e discussão

A seguir, apresentaremos os dados coletados na pesquisa no intuito de identificar a partir de seu conteúdo, os tipos e intenções dos perfis selecionados no aplicativo Grindr. Ademais, analisar quais são as representações de masculinidades existentes.

Nos dois primeiros perfis, (01 E 02) notamos uma descrição com características explicativas dos usuários em relação ao público que observou o seu perfil. No perfil 01, não há foto e a identificação demonstra uma possível idade (18 anos). O perfil é de um rapaz que se identificava como “discreto”. Isso significa dizer que ele não é abertamente homossexual ou compartilha de sua orientação com poucas pessoas.

Já no perfil 02, o fato que chama a atenção, é a descrição da preferência de papéis sexuais, assim como o perfil 01, ambos demonstram que são ativos sexualmente e fazem questão estabelecer características dos possíveis parceiros que desejam, de preferem másculos e recusam a receptividade de parceiros considerados por eles, afeminados.

No entendimento de (Connell, 2016), as masculinidades não devem ser entendidas como algo dado, fixo, com papéis sociais determinados, e sim, entender essas construções reproduzidas de acordo com o gênero. Esse discurso, segundo a autora, é feito e legitimado como verdade com imagens verbais e não-verbais que tonificam, cristalizam essas ideias. Tais pensamentos, de acordo com a Connel (2016), são fabricadas e utilizadas por meio de códigos, espalhando signos e significados, de modo que, são entendidos. Assim, quando se fala em masculinidade, é esperado um pensamento único sobre o termo e que esse discurso se repete constantemente.

Os perfis 03 e 04, observamos características bem marcantes nas formas de expressar relações e desejos na comunidade LGBTQIA+. O perfil 03, se identifica como “macho ativo”, e, essa construção/identidade coloca em pauta que aceita um homem apenas se esse tiver “jeito de macho”, ressaltando que o parceiro pode até expor sua feminilidade, contudo, somente na cama enquanto passivo. A masculinidade é, segundo (Connell,1995).

[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero [...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social;

as relações de gênero incluem relações entre os homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória. [...]

Nesse sentido as masculinidades não seriam uma estrutura estável de papéis sociais, mas, antes, posicionamentos imaginários no interior dos discursos marcados pelo gênero (Connell, 2016). O imaginário aqui é tomado como uma produção repetida de imagens que tentam fixar, cristalizar aquilo que é instável, cambiante, contingente.

A relação entre masculinidades e gênero é profunda e perpassa muitos campos de ligação, abordando como as normas e expectativas sociais moldam e definem as experiências e identidades masculinas. Assim como as masculinidades são entendidas por muitos autores como construções sociais que variam de acordo com o contexto cultural, histórico e social, ou seja, o que é considerado “masculino” em uma cultura pode ser diferente em outra, assim também, é o conceito de gênero, para alguns autores referenciais para os estudos de gênero.

(Joan Scott, 1995) demonstra como o gênero é fruto de uma relação social. Sendo, portanto, uma relação social, para a autora, isso significa dizer que o gênero afeta homens e mulheres, além de construir e constituir aquilo que se entende como sendo homem e como sendo mulher.

Antes de nascermos, são criadas diversas expectativas que serão procedidas em cada momento através de seus rituais. Desde quando é gerada a ansiedade para se descobrir o sexo do bebê, ou seja, se terá o fenótipo masculino ou feminino, conterà pênis ou vagina, colocando uma série de esperanças, ancoradas em suas genitálias, sem levar consideração seus gostos e subjetividades fundamentais aos seres (Bento, 2006)

Ainda se tratando dessas questões, (Scott, 1990) discute no interior das discussões de identidade, a masculinidade, a heterossexualidade e a branquitude, compreendendo que essas abordagens correspondem a marcadores não marcados. Ou seja, para a autora, eles correspondem ao que Stuart (Wall, 2016) desenhou como sujeito universal, o que parece não ter gênero, que parece não ter cor, que parece não ter raça, que parece não ter sexualidade, como se fosse neutro. Assim, a constituição desse masculino como universal, neutro, faz com que as dinâmicas que constituem as formas de dominação masculinas com as dinâmicas que constituem o próprio mundo subjetivo da masculinidade, que seja então considerada.

Assim, o perfil 04, se apresenta como um homem bissexual e carente, expondo um dos motivos de sua exposição agressiva e obrigatória da masculinidade dos homens, a vulnerabilidade de suas performances de gênero ou masculinidade frágil. O perfil 03, também se apresenta como ativo sexualmente, assegurando que procura “macho com jeito de macho”. Esse estereótipo demonstra que

(...) “Masculinidade pode ser entendida como uma modalidade cultural reforçada continuamente em diversas organizações e que conta com um conjunto de privilégios aos indivíduos considerados másculos” (...). (Andreoli, 2011)

O perfil 03, deixa explícito que não fala abertamente sobre sua orientação sexual e diz que não sente atração sexual por homens afeminados enquanto que o perfil 04, se mostra como um homem divorciado que procura algo “discreto” com outro homem e opta que o parceiro seja um homem casado e portanto, talvez, com uma vida dupla em um relacionamento heterossexual e a sustentação de uma performance de gênero para a sociedade seguido de uma segunda vida com diversos homens em situação semelhante em busca apenas de encontros sexuais.

Percebemos nesse perfil 05, algo em comum aos outros. Do mesmo modo que os perfis anteriormente analisados, o usuário se coloca como ativo sexualmente, recusa afeminados da lista de possíveis parceiros sexuais. Para Joan (Scott, 2002):

[...] “gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que, por sua vez, constituíam-se entremeadas por relações de poder. para ela, gênero significa o conhecimento sobre as diferenças sexuais e seus usos e significados são constituídos histórica e socialmente a partir da disputa política, na qual relações de poder – de

dominação e de subordinação – seriam aprisionando essas identidades – homem, mulher, e nos arriscamos a incluir aqui os homossexuais ativos, passivos, transexuais, entre outras identidades – numa rigidez pré-determinada” [...].

A discussão que a autora traz acima, relaciona-se com o perfil 05 que, trata especificamente dos papéis hierarquizados do ativo (dominador) e do passivo (dominado), identificados em seu discurso. Demonstra como o usuário faz questão de afirmar essa característica como se fosse suficiente para sustentação de sua masculinidade.

No perfil 06, denominado como “tão só”, demonstra uma certa carência ou solidão diante da situação a qual vivencia em relação a suas frustrações amorosas, não conseguindo expor sua orientação sexual, tendo uma dupla vida. Percebemos também, a partir da escrita desse possível homem, diversas irregularidades de escrita, e, que podem estar diretamente relacionadas com o seu grau de instrução.

Nessa perspectiva, observamos que o perfil 07, manifesta um comportamento bem semelhante aos apresentados anteriormente. O usuário pede para que os pretendentes não sejam assumidos e afeminados. Além do mais, há uma relação com o uso de drogas. Ele também, se identifica como ativo sexualmente. O perfil 08, propõe uma crítica a si mesmo evidenciando que já entende que há um padrão de corpo e performance de gênero tentadas entre os/as usuários/as do aplicativo. Diante disso, o usuário chama a atenção para um debate sobre gênero, raça/etnia e poder, uma vez que, ele afirma existir um padrão de beleza heteronormativa, evidenciando que, “(...) o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual⁵” (Saffioti, 2015).

A questão que se coloca no momento é, quando e de que forma surgiram esses modelos de masculinidades contendo características citadas acima? Esse modelo é reproduzido na cidade de Petrolina? De que forma e quem reproduz esses discursos e práticas? Para tentar responder a essas e outras inquietações (Albuquerque Júnior, 2013) evidencia que [...] por todos os lados ouvimos que somos uma sociedade de cabras machos, de cabras da peste. Mas o que é ser macho? Através de que traços nós delimitamos e definimos o perfil de um macho? [...].

(Albuquerque Júnior, 2013) traz em seus estudos diversas perguntas no sentido de tentar compreender que “macho” é esse que tanto se expandiu no nordeste brasileiro? Logo, o autor demonstra como existe um ideal de corpo do homem, um modelo de corpo que não pode de jeito algum ter traços ou atitudes estabelecidas como feminina, como demonstrar sentimentos, não deve chorar, etc. Pelo contrário, deve ser forte, sem deixar mãos na delicadeza, viril, rústico, quase numa condição de natureza. Ainda nas palavras do autor. De acordo com (Albuquerque Júnior, 2010)

[...] “Um macho não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra franquezas, vacilações, incertezas. Um macho tem opiniões firmes e incontestáveis, tem uma só palavra a, não aceita ser contrariado ou contestado, notadamente por mulheres. Um macho não adoce, não tem fragilidades nem físicas, nem emocionais, frescuras. Um macho sempre sabe o que faz, aonde quer chegar e ai daquele que se colocar em seu caminho. Um macho é um ser competitivo, está sempre disputando com outros machos a posse das coisas e das pessoas. Um macho é objetivo, racional, até frio e cruel, calculista, não se deixando levar por sentimentos. Um macho é desleixado, sem vaidade, é um homem natural, sem artifício, sem polidez” [...]

(Albuquerque Júnior, 2010) evidencia em sua pesquisa que, esse é o modelo delineado demonstrando um conjunto de enunciados imagéticos que anuncia normas e signos que se expandiram socioculturalmente em nossa sociedade. Logo, o autor entende que durante muito tempo, o enfrentamento dado pelos movimentos feministas era em oposição as definições dos

5 A heteronormatividade é a ideia de que apenas relacionamentos heterossexuais - isto é, entre pessoas de sexos opostos - são considerados corretos ou normais. Como a própria construção da palavra sugere, o conceito coloca a heterossexualidade como norma na sociedade.

papéis sociais de gênero estabelecidos culturalmente numa sociedade majoritariamente judaico-cristã e de cultura marcadamente burguesa. [...] “O combate à definição do masculino que fabrica machos passa por uma politização dos próprios corpos masculinos. O corpo masculino sempre foi pensado como instrumento da política” [...] (Albuquerque Júnior, 2010).

Dento dessa perspectiva, na obra “A Criação do Patriarcado”, de (Lerner, 1990) indica diante de fatos históricos, que essa construção imagética carregadas de símbolos do ser nordestino, foi desenvolvida através do patriarcado, assumindo status de verdade, seja a forma de como deviam-se comportar, quais gestos usar, os hábitos masculinos e quais crenças e valores deveriam seguir. (Saffiotti, 2015) demonstra que o patriarcado, conseqüentemente, fortaleceu-se como um sistema de dominação, intensificando a divisão sexual do trabalho e facultando o poder do homem sobre a mulher.

Outros fatores também ajudaram a fortalecer um ideal de masculinidade hegemônica, segundo (Albuquerque Júnior, 2013) foram as “[...]conflitos sociais de toda ordem, as revoluções no Ocidente sobretudo, durante o século XX, estiveram apoiadas numa mística da virilidade, da força, da coragem, uma idolatria do masculino guerreiro [...]”. Em seus estudos, o autor demonstra que, a valorização de um corpo sarado e sadio eram os modelos da época a serem aceitos nas arenas para se ter a certeza da violência e do controle aos dominados.

(Albuquerque Júnior, 2013) evidencia que, mediante o contexto e o espaço, as relações sociais entre os sujeitos podem variar e que cada grupo cria seu padrão de masculinidade. Se tratando da região nordeste, o autor demonstra como isso ocorre através de signos e das particularidades da região. De acordo com (GUATTARI, ROLNIK, 1999) “Cada região tem suas peculiaridades e, é essencialmente fabricada e modelada no registro social. Nessa lógica, se constituiu para o nordestino uma identidade naturalista e determinista, que estereotipa, que ultrapassa a territorialidade”.

(Albuquerque Júnior, 2010) enfatiza que, geralmente todas as regiões tem em comum de forma majoritária, a reprodução de que não cabe ao homem ter autos cuidados, como; cuidar do corpo, de sua saúde, uma vez que, esses atributos são praticados pelo sexo feminino. Nas palavras do autor, se o homem deter quaisquer características relacionadas a mulher, seu sexo será colocado a desconfiança de sua real masculinidade, o que deixaria sua identidade supostamente inquestionável, agora frágil.

De acordo com os dados do (BRASIL, 2020), tem ocorrido muito mais mortes dos homens em idade mínima do que com as mulheres, já que, muitos deles perpetuam a ideia de que não precisa cuidar de si. Com base em dados reais de 2020, “a pesquisa online abrangeu 22 estados da federação e teve 499 participantes. Dos entrevistados, 75% tinham mais de 40 anos, 77% eram do sexo masculino, 2,18% já tiveram um diagnóstico de câncer de próstata e apenas 6%”. Percebe-se através desses dados que os homens assumiram que cuidar da saúde não era prioridade rotineiramente.

Esses dados relacionam com a pergunta feita a priori nesse subtópico, baseada em (Albuquerque Júnior, 2010), que “macho” é esse que tanto se expandiu no nordeste brasileiro? Para tanto, é necessário fazer uma abordagem histórica, contextualizando os fatos históricos, a respeito de como se deu a construção do termo nordeste e nordestino e suas redes discursivas.

Para relacionar a região nordestina, procurou-se um modelo homem compatível as redes discursivas (Albuquerque Júnior, 2010). Numa pesquisa muito bem sistematizada, sobre “a emergência da lógica da Convivência com o Semiárido brasileiro e a construção de uma nova territorialidade”, (Luzineide Carvalho, 2011) aponta que, de fato existem territórios estáveis e instáveis climatologicamente, podendo ter, inclusive, curtos ou longos intervalos de chuvas, evidenciando-se que ao longo do século XX, esse fator possibilitou o estabelecimento de fronteiras territoriais no Semiárido brasileiro. A autora demonstra através de dados estatísticos que a média de chuvas anuais nessa região em comparação com outras partes do mundo, a precipitação de chuvas pode ser até maior em algumas das vezes.

Diante das situações apontadas, em nome do desenvolvimento, ocorreu um imenso aumento de crédito com as políticas públicas, proporcionando a realização de muitas atividades econômicas, que irão reverberar em feitura de obras públicas no intuito de modernizar a região, inclusive, na acumulação de águas provenientes das chuvas em reservatórios, como forma de garantir o abastecimento. (Carvalho, 2011)

Em contraste com a realidade, (Carvalho, 2011) assinala indicadores sociais que demonstram a imensa falta de acesso das pessoas a serviços e infraestrutura, ampliando cada vez mais as desigualdades socioeconômicas, sociais e educacionais, deixando ainda mais evidente as disparidades regionais.

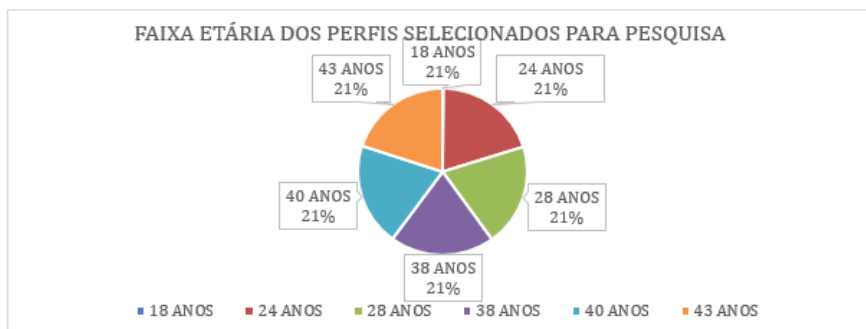
Segundo (Carvalho, 2011), a elite brasileira do século XX, criou uma imagem do Semiárido Brasileiro enquanto espaço de seca, de miséria, de calamidades, da pobreza, do ambiente difícil para se viver, além da proliferação de discursos de ódio ao sertanejo. Com uma rede de práticas discursivas, a região do Nordeste brasileiro foi sendo reconhecida como lugar de seca, miséria, da fome, lugar padecido “O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar essa virilidade, um homem capaz de reagir a está feminização que o mundo moderno havia trazido” (Albuquerque Júnior, 2010).

Dessa forma, denota-se o perfil do homem que deveria simbolizar de forma homogênea o ser masculino, ou seja, que fosse forte, que demonstrasse ser violento, falasse grosso, atendendo ao caráter da masculinidade nordestina construída na época. Inclusive, a expressão “cabra macho” representava a essa emergência para se formar essa imagem. Outras imagens foram se perfazendo do nordestino com os elementos necessários para simbolizar- o sertanejo, o praieiro, etc. (Albuquerque Júnior, 2010).

Para fazer a categorização em seguida, segundo (Franco, 2008), se caracteriza em classificar categorias diante do conjunto de dados coletados, tornando-se fundamental observar, tendo mais atenção não só com os dados, bem como, um todo, no esforço de agrupá-los ou diferenciá-los de alguma forma. [...] “o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc.” [...] (FRANCO, 2008).

É importante ressaltar que, no total de 37 capturas de perfis, selecionamos para análise apenas 8 desses e cada um corresponde a 21%.

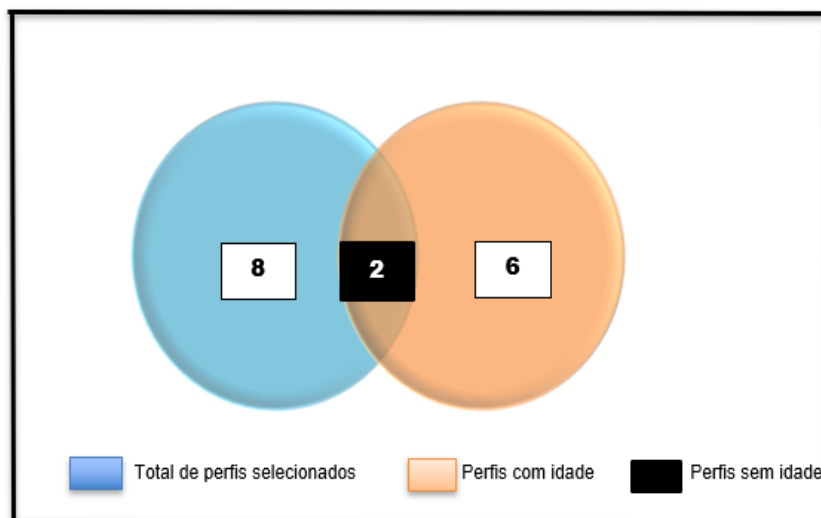
Gráfico 1. Faixa etária dos perfis selecionados para pesquisa



Fonte: Os autores (2024).

O gráfico abaixo, representa apenas a quantidade de perfis que foram analisados na pesquisa, sendo que, o total foram oito perfis escolhidos e correspondem a 100%. Porém, só seis apresentaram em seus perfis a sua idade, onde correspondem a 75%. Já a intersecção, demonstra que apenas dois do total não forneceram a idade, correspondem a 25%.

Gráfico 2. Total de perfis que identificam ou não a idade



Fonte: Os autores (2024).

Conclusão ou considerações finais

A representação do discurso patriarcal mante-se nos perfis analisados em prol de um dispositivo de poder da masculinidade hegemônica (homem branco, cis, heterossexual, ativo) que ordena exclusões as performances de feminilidade, e a tudo que a ela é ligado, resultados nas relações de dominação que operam por meio da linguagem. Neste caso uma linguagem que performa um modelo de masculinidade unido ao discurso construído outrora até hoje em nossa sociedade. Além disso, também percebemos que a linguagem nesse contexto, demonstra uma política do corpo, constituindo padrões que superiorizam ou inferiorizam indivíduos dentro da comunidade LGBTQIA+.

Ademais, a manutenção do discurso patriarcal se pauta a defesa de um dispositivo que mantém a exclusão a toda performance de feminilidade, e a tudo que ela é vinculada. Os conteúdos representados nos perfis selecionados, evidenciaram um interesse pelo padrão de masculinidade heteronormativa (másculos, machões e ativos), e uma rejeição foi demonstrada nos perfis do grindr aos gays afeminados e passivos.

Deste modo, estamos falando de um espaço de poder heteronormativo que administra os corpos ali presentes. Portanto, essa territorialização confere e requer uma vigilância à própria passividade, que por sua vez deve seguir regras hetero-cis-normativas. De outro modo, a hipervalorização do “macho” demonstra o procedimento de construção da identidade masculina, que se estabelece diante da negação e reprodução de discursos conexos a aversão e a marginalização daqueles(as) que não provam sua masculinidade compulsória.

Referências

ALBUQUERQUE Junior, Durval Muniz de. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças.** Campina Grande: EDUEPB, 2010.

ANDREOLI, G. S. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Revista Movimento**, v.17, n.1, p.159-175, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CONNELL, Robert W. Políticas de Masculinidades. **Educação & Realidade**, Porto Alegre v. 20, n.2, p. 185-206, jul.-dez. 1995.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, p.14, 2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Recebido em 19 de janeiro de 2024

Aceito em 12 de abril de 2024